

A SEMANA

GAZETA LITTERARIA

Fundada por Valentim Magalhães

ANNO III

RIODE JANEIRO, 24 DE DEZEMBRO DE 1887

VOL. III-N. 156

DIRECTORES-PROPRIETARIOS J. BORGES CARNEIRO E BELLARMINO CARNEIRO

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA - RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

SUMMARIO

Expediente.....	
Escreptores do Norte do Brazil.....	Franklin Tavora.
A arte como funcção.....	Araripe Junior.
Rehabilitação, soneto.....	J. Duque Estrada.
A marmita.....	B. Paranaipacaba.
Philologia.....	A. J. Macedo Soares
A eterna lagrima, soneto	Nereu.
A mulher e a sociologia.	Livio de Castro.
A noite na taverna, poesia.....	M. e Albuquerque.
Soneto.....	Carlos Falcão.
Poetas mineiros.....	Trançado Lucas.
Ouvindo a pendula, soneto.....	H. de Carvalho.
Quadros negros.....	J. Norberto S. S.
Contibste de S. José do Norte.....	Dr. Gama Roza.
A cabra cega.....	Virgilio Varzea.
Movimento litterario em Pernambuco.....	
Theatros e diversões.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS CORTE E NICHEROY

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

A Empreza roga encarecidamente aos Srs. assignantes em atrazo a fineza de satisfazerem os seus debitos até o fim d'este mez para evitar interrupção de remessa da folha.

O pagamento de assignaturas pôde ser feito por intermedio das agencias do correio.

São agentes litterarios da *Semana* os Srs.:

J. Verissimo de Mattos, nas cidades de Manaus e Belem.

Dr. José Izidoro Martins Junior, na cidade do Recife;

Max Fleiuss e Octavio Mendes na cidade de S. Paulo.

Virgilio Varzea, na cidade do Desterro.

F. Xavier Marques, na cidade da Bahia.

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Symphonias*, versos de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Viera.

— *Visões de hoje*, versos de I. Martins Junior, 2ª edição.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

Escreptores do Norte do Brazil

DR. F. G. CASTELLO BRANCO

Do Dr. Gil Castello Branco, escriptor piauiense, conheço unicamente o volume em que estão reunidos tres contos:—*Ataliba* o *Vaqueiro*, *Hermione* e *Abelardo* e *A mulher de Ouro*.

O primeiro desses contos é evidentemente trabalho que se deve classificar entre os da litteratura do Norte.

E' um episodio da secca. O aspecto local foi transportado para o livro com fidelidade. Caracteres verdadeiros. Szenas tão naturaes que parecem authenticas. Muita vibração de sentimento.

Em um ou outro ponto o autor dá a entender que não lhe é de todo estranho o vocabulario usado no sul. Exemplo: a um homem que cahiu não se pergunta no sertão si *está machucado*. *Machucado*, no sentido de molestado, ou contuso, é termo do sul.

Sabe-se que estes pequenos nadas entram por muito naa narrativas de costumes. Si no sertanejo puzerem a linguagem do praciano, tel-o-bão falseado tanto como si em logar de lhe porem vestia, guarda-peito e perneiras de couro, o trajarem de calças, colete e palitot.

O vocabulario do norte é uma das qualidades que mais affirmam a sua autonomia.

O habitante daquella região não diz, ao menos por ora: *Não mecha comigo*, mas *Não bula comigo*; não diz: *Estou vezado*, por *Estou envergonhado*, mas sim por *Estou afficto*.

Como fica bem na narrativa do Sr. Castello Branco aquelle—*Quemquem, gentes!* aquelle *Iche!* aquelle *Inhá, sim!* e outras phrases populares muito conhecidas em todo o norte.

A vida domestica está perfeitamente desenhada nas paginas do livro. A comida e o modo de a preparar e usar foram fielmente representados. O desafio e os versos populares são caracteristicos.

As primeiras manifestações da secca, o esfolar das rezes mortas, a tristeza, as inquietações, os cuidados, o chegar dos primeiros retrantes, os horrores successivos, foram reproduzidos sem esforço. O leitor está conhecendo que o autor viu todas as linhas geraes, todos os traços particulares da grande calamidade. Na descripção que não tem aliás vastas proporções, predomina a intuição, por assim dizer, visível dos desastres imminentes, o sentimento da catastrophe que se avizinha, ao principio do tamanho de um vampiro, depois com as dimensões de coruja colossal e medonha

A tristeza que suggere no espirito do pacifico sertanejo o seccar lento e gradual do tanque da fazenda, tem a elo-

quencia funebre das grandes agonias vagarosas e fateses.

Si neste paiz houvesse espirito litterario, esta narrativa, com ser curta e syntetica, andaria em todas as mãos. Em tão singelo e pequeno quadro, ainda não vi pintura tão fiel.

Sobre o assumpto do *Ataliba* o *Vaqueiro* isto é a secca do Ceará, ha duas narrativas conhecidas,—*Os Retirantes* do Sr. José do Patrocínio, e *O Retirante* do Dr. Araripe Junior. A ultima não está concluida. Conheço apenas dois dos capitulos em que se divide, e que viram a luz no *Vulgarizador*, periodico publicado ha alguns annos nesta Corte. Poderia vir a ser imagem fiel dos quadros de horror que esse phenomeno meteorologico produz na zona cearense.

Quanto aos *Retirantes*, o autor localizando a acção principal na capital, apenas nos offerece scenas de prostituição, venalidade e corrupção.

Não direi que não ha verdade nisto; ha. Mas o que me parece é que a parte mais interessante não está naquelle ponto, que se deve considerar o ultimo da tragedia.

A parte verdadeiramente dramatica, a meu vér, da desgraça da emigração forçada, está no longo e penoso trajecto, através de inhospito e desolado sertão, reduzido a poeira e fogo, quando mezes antes era o verdor, a fartura, a alegria.

Esta romagem de fome, sede e morte não podia ser deixada de parte pelo artista formado naquelle meio. Longe disso, a sua principal observação e estudo haviam de convergir para o exodo que nem o maná nem a lympha pura que irrompeu do penhasco percutido pela vara biblica, suavizam e refrigeram.

Nota-se que lhe falta o sentimento, a alma do Norte. Lendo-se aquelle livro onde abundam scenas do naturalismo das grandes cidades, comprehende-se que o naturalismo sertanejo não foi alli representado.

Quão longe está *Os Retirantes* de *Motta Coqueiro*, onde ha vida, movimento, graça e verdade; onde a linguagem dos personagens, as descripções dos logares não podiam ser mais fieis onde brilhantemente se affirmam os talentos do escriptor e do artista!

FRANKLIN TAVORA.

A arte como funcção

(Conclusão)

O artista, pois, não é um appellido commum, como tambem não o é o pianista militar, nem o politico, nem o inventor, nem o philosopho.

Dizem que Napoleão Bonaparte,

quando se achava diante de um paiz por invadir, tinha uma visão tão nitida, tão completa de sua topographia que immediatamente, em sua imaginação translucida, se afigurava a terra com todas as logica geographica. Os moneres accidentes da região, agrupando-se por si subordinavam-se de modo tal que todo o determinismo dos movimentos dos inimigos se a apresentava com uma exactidão verdadeiramente mathematica. Dahi o talento militar do grande cabo de guerra, cuja tactica cifrava-se apenas em prevér e impedir. Articulado o seu exercito á região expugnável, não lhe restava senão observar as oscillações dos corpos da vanguarda do adversario e, em msrchas rapidas, inesperadas, cortar-lhes a passagem, quando menos o esperavam. Os planos, portanto, trotavam-lhe no cerebro com espontaneidade igua! á com que em individuos medianos se produzem as determinações de movimento, no andar, de inibição, no amparar-se de uma queda, de esforço, no atravessar um rio a nado. Este exemplo é caracteristico, e, uma vez transportado para a esphera da funcção artistica, explica perfeitamente o isochronismo dos movimentos, que determinam o apparecimento da obra d'arte. O artista, do mesmo modo que aquelle tactico de guerra, posto diante do spectaculo da vida, passa por correspondentes modificações cerebraes, e sendo o producto elaborado fatalmente, é precipitado fóra do apparelho, logo que chega a sua maturidade, sem que o productor possa dar uma minuciosa descripção do seu processo, nem uma definição tecnica, além da enumeração dos materiaes que procurou ou que as circumstancias lhe proporcionaram. Assim, fazer uma obra d'arte, como dar uma batalha, não é mais do que um acto de previdencia, cuja base principal encontra-se no instincto, ou para exprimir-me melhor, na amplitude do registro cerebral do artista, isto é— nas aquisições da raça e do temperamento nelle implicitamente contidas. Essa previdencia regula-se pela menor ou maior complexidade das necessidades estheticas da epoca.

O que de tudo isto resulta é que o artista não pôde deixar de ser um constructor. Ora, construir implica a idéa de escolba, de justaposição, de condensação. A *crase* dos elementos offerecidos pela natureza é, portanto, uma condição essencial da arte. Um poema, uma estatua, uma opera, um quadro, um drama, um romance, um soneto, um discurso, são antes de tudo *machinas* de sensações,—*obras*— como diz o povo em sua linguagem expressiva e concreta. A natureza, diffusa e confusa, não tem expressão por si só. O espirito do observador, segundo a intensidade de suas facultades é que a

produz, dando relevo ás partes essenciais do objecto; e foi justamente o reconhecimento dessa verdade que levou Taine a afirmar que om regra « o que nos interessa em um ser real, e o que exigimos de um artista é a sua logica interior ou exterior, em termos diversos, a sua estrutura, a sua composição e arranjo particular, em summa o *character essential* das coisas, traduzido pela *sensação original* do mesmo artista. » (1) O idiota, por exemplo, é incapaz de um trabalho artistico, e a razão é óbvia: o idiota não pôde construir, e não pôde construir porque o seu estado de attenção diffusa não o permite; bem como a sua incapacidade para a coordenação das imagens que o obsedam e a falta de um apoio ou de um centro de subordinação para as sensações, tolhem todas as suas aspirações para o bello. Concentrar, intensificar, subordinar, para impressionar, eis todo o artista. Tortura-o o ponto de vista da unidade na complexidade; o que o obriga a trabalhar o a produzir é a vida, não emquanto aos seus elementos anatomicos e abstractos, mas como um todo em movimento, concreto e representavel; e uma vez descoberto, é-lhe indispensavel um trabalho não menos penoso, que resulta da necessidade de pôr-se em accordo com o publico, de modo que este possa ascender naturalmente ás suas concepções artisticas. (2)

Conhecido, por esta maneira, o que se pode chamar a anatomia do temperamento artistico, só fica restando o ultimo termo da questão, que são as condições de sua existencia emquanto ao ambiente actual.

Os productos d'arte, embora immediatamente subordinados ao subjectivismo do artista, do mesmo modo que a linguagem, o direito, a politica e a religião, não podem apparecer si não como producto social; nem ha mesmo quem a conceba fóra das relações de collectividade. Sem a repressão do meio, toda a arte seria nulla o inviavel; e este que a completa, si e que não a provoca. A observação de todos os dias nos mostra que sem publico não ha litteraturas, como sem exercicio não ha função, e sem a necessidade de função não ha organ. E'

(1) Taine, *Philosophie de l'art*, I, 33 e 34.

(2) « O artista não tem por fim copiar a natureza, mas representar toda a natureza em uma imagem. A obra artistica, deste modo, é um *microcosmo* e, como o *macrocosmo*, reduz-se a uma unidade que desenvolve a idéa segundo uma ordem precisa e determinada. » Paulus Carnis, *The principles of art, from the standpoint of mousm and metemorphism*.

E' a mesma idéa de Taine, de Spencer e de todos os liberais modernos, que fundam a arte sobre a lei do progresso, e a reputam um caso particular do principio de subordinação.

Neste ponto parece que os rhetoricos da antiguidade classica aucturam mais proximos da realidade do que todos os philosophos que antecederam a revolução philosophica deste seculo, com excepção apenas de Placón, que definiu a arte o *homem accrescendo as coisas*. Ao passo que veunos Kant, Schelling, Hegel e Baumgarten apresentarem a arte como uma lucta entre o elemento material sensível e o ideal em busca da realização do espirito absoluto, retruabindo aos philosophos e criticos de Aténas e Roma, encontrámos sobre o assumpto conceitos muito mais positivos. Quintiliano, por exemplo, fazia assentar toda a arte na economia do discurso, dos effeitos, *rerum, ac partium in locos*, observação que já antes fóra posta em relevo por Longino no seu tratado *Do Sublime*; e, antes delles, Aristoteles em sua *Poetica* affirmava que a tragedia não era si não « uma imitação perfeita de uma acção, constituindo um todo, cujas partes deviam ser dispostas de tal maneira, que se uma dellas se mudasse para outro lugar, ou fosse supprunida, o todo tambem ficasse mudado. »

nessa atmosphora que se condensam as aptidões, os autores, e se determinam a gestação, o aperfeiçoamento desenvolvido e a integração dos grandes monumentos artisticos. Ridículo, portanto, é dizer-se que o genio, por isso mesmo que o é, pode viver na contemplação de si proprio, desligado do ambiente, entregue ao solitario pensamento que so um futuro ultra terrestre comprehenderá, mergulhado no nirvana budhico de uma poesia extrahumana. Não creio na existencia de seres que vivam assim ao ludo da historia, completamente fóra do movimento solidario da humanidade, nem tão pouco nesses privilegiados, de que falla Schopenhauer, cujo centro de gravidade cõe dentro de si mesmos. (3) So a insuficiencia de observação ou uma preocupação morbida justificará o desconhecimento dessa dependencia. Si o artista pudesse existir por si, teriamos o milagre por demonstrado; mas a época em que coisas taes procuravam explicações que nada explicavam, já findou de uma vez, e os progressos da sciencia não admittem outras interpretações, além das que naturalmente se deduzem do conhecimento exacto dos factos, comparados ua sua ordem de successão e de co-existencia. isto é, no tempo e no espaço.

A sociedade, como um organismo que é, tem uma estrutura propria, cresce, adquire funções, desenvolve-se; e para viver, ou pelo facto de que vive, dispõe de aparelhos diversos, sem os quaes não é possível presuppór o alludido desenvolvimento. E' assim que Spencer considera inconcebível uma sociedade sem estes tres appnelbos rudimentares: o productor, o distribuidor e regulador. (4) Desde, porém, que a collectividade humana, merecedora desse nome, progrediu, é intuitivo, que, surgindo novas necessidades, pela differenciação das tendencias, devem apparecer funções correspondentes. Ora, uma das mais importantes necessidades que se mani festam em uma sociedade, logo que esta consegue libertar-se das preocupações puramente animaes, é a de elevar-se acima de si mesma por via dos elementos imaginativos. Como, porém, para a média social os processos indispensaveis para cbe gar a esse *desideratum*, são quasi, si não inacessiveis., o que succede é que esse movimento, resolvendo-se num desejo, e pondo em agitação certos elementos anatomicos do cerebro que mal esboçam a aspiração numa direcção dada, esse movimento, digo, acaba por transformiar-se em uma obsessão vaga, em um sentimento de impotencia, em um estado de angustia permanente que urge ser modificado.

A historia litteraria dos povos civilizados nos mostra n cada passo phenomenos bem expressivos desta verdade. Em certas épocas como que os tecidos sociais convulsionam-se para indicar uma direcção nova ao espirito da collectividade; essas disposições nunca se manifestam si não de um modo vago, indeciso, vernicular, como se se tratasse de um objecto existente em lineamentos na imaginação popular. Apenas, porém, cõe um poeta no circulo destas aspirações, está a função creada; e o que era elemento uno torna-se geral, relaciona-se, constituindo-se por ultimo em um organ definido, eloquente, que repercute todo o unisono social. E' assim que se com-

(3) *Sagesse dans la vie*, 83.

(4) *Sociologia*, II.

prehendem Dante e Shakespeare; Cervantes, Lope de Vega e Calderon; Voltaire, Diderat e Rousseau; Goethe, Lessing e Schiller; W. Scot e Byron; Chateaubriand, Balzac e V. Hugo; Zola e Daudet. O ideal, em ultima analyse, não é, nem mais nem menos, do que esse movimento reduzido a uma categoria ethica. Pois bem, a arte não se delimitou no meio das outras funções sociaes se não para satisfazer essa necessidade collectiva. Logico era, portanto, que no processo de selecção fossem chamados ao exercicio dessa função os *temperamentos emocionaes representativos*, os mais aptos para verem a vida de um ponto de vista elevado e dotados de um registro cerebral capaz dos movimentos figurativos indispensaveis a uma obra. A arte, pois, resume-se no desenvolvimento da capacidade de satisfazer as aspirações de ordem esthetica de uma sociedade; e como nem todo o mundo encontra em si forças sufficientes para transportar os individuos vulgares a um estado esthetico superior ao normal, é mais que natural que só possam ter o nome de artistas aquellos em quem, já pelas condições hereditarias, já pelo accordo dos seus talentos com as verdadeiras aspirações do meio, taes disposições apresentam-se caracterizadas pela amplitude do vistas, pela sagacidade na descoberta de meios e pela energia na execução de um plano. Sem o jogo de todos estes elementos, sem o prurido destas organizações especiaes por um lado, e sem a solicitação exterior por outro, é bem possível que a arte jазesse aiuda hoje nos limbos da natureza.

Este modo de pensar não exclue o reconhecimento de que nas coisa exteriores, como opina, entre outros, J. Sully, existem « certos espectros, certas relações de fóra reconhecidas por todos como causa da emoção da belleza, como fonte commum a todos de prazer esthetico ». (5) Mas é preciso não perder de vista a relatividade da capacidade humana; e que, si bem que seja innegavel a existencia dessa *meridiana commum*, dessa linha de orientação da raça humana, de que falla Luys, não é menos exacto que, desde o typo do boshiman até o mais altaneiro typo da raça saxonia, encontram-se tantas fórmulas artisticas de exprimir a vida quantos os degraus percorridos pela humanidade em seu contante andar para o sol. Esta asserção é tão exacta que bastaria que em toda a humanidade de um momento para outro, pudessem essa fenomenalidade tornar-se automona, e parallamente igual, para que a arte passasse a ser uma coisa corriqueira e portanto digna de se desapparecer. Em quanto, porém, houver necessidade de relevo, de luz, de effeitos, o artista não prescindirá de sua sublime função. E' a elle que incumbe tornar visível o que é opaco e suggerir nos menos dotados de espirito as illuminações, que mil annos de observação não seriam bastantes para produzir na alma insufficiente do *vilgum pecus*.

Estas theorias não negam o advento do naturalismo. Tal qual o comprehendendo, ou julgo tól-o comprehendido, estudando as obras dos mestre, o naturalismo é uma feição nova, tomada pela arte no seculo XIX, logica, verdadeira e tão legitima, como as que

(5) *Illusions des sens et de l'esprit*, 133.

houve nos seculos XVI e XVIII e na phase do Romantismo, para corresponder ás necessidades do espirito moderno o ás transformações anatomicas do corpo social.

Um artista naturalista não é mais do que um artista educado em um meio scientifico, em quo preponderam os estudos de observação, e que, por conseguinte, apparellado pelo experimentallismo, para attingir seus fins, é forçosamente obrigado a ascender além da linha de fluctuação do seu publico, a preparar e montar *machinas* de muito maior complexidade do que as anteriores.

Não sendo meu proposito tratar aqui das questões que se ligam a esta ultima evolução da arte, concluirei dizendo que o naturalismo reduz-se a um simples, mas sabio e especializado, retorno ao *modelo vivo*.

ARARIPE JUNIOR.

Rehabilitação

Si queres inda ver como escondida
Tenho no peito a tua imagem pura,
Imagem que no céu da minha vida
E' como um sol risonho que fulgura;

Interroga esse amor, essa loucura
Que revive por ti... vamos... convida
Min' alma para amar de novo... cura
Esta terrivel, caustica ferida...

Attende que contraste raro e fundo
Aquelle em que firmada te parecees,
A calcinar o meu amor profundo...

Cada vez na belleza tu mais cresces:
Eu, por amar-te esqueço-me do mundo,
Tu, por um nada, de me amarte esqueces!

J. DUQUE ESTRADA.

A MARMITA

(AULULARIA)

COMEDIA EM CINCO ACTOS, DE

Marco Accio Plauto

Com o complemento de Urceus, o *grammatico*

TRADUZIDA EM VERSOS PORTUGUEZES

PELO

Barão de Paranapiacaba

PREFACIO

A *Aulularia* ou *Marmita* devia merecer a attenção da critica, ainda quando não tivesse outro merito si não o de haver inspirado o *Ataranto*, de Molière. Reveste, porém, grande valor. E' uma comedia de costumes, cujo principal caracter vem delineado com alta verdade e muita arte. Todos os personagens, todos os incidentes della concorrem para por em relevo o vicio e aggravar os tormentos do avaro Euclião.

Nada mais gracioso e animado que a figura deste rico, sempre a chorar miserias, desgraçado ao dar, inquieto ao receber. Logo á estréa, annuncia-se vi-

gorosamente o assumpto e é pintado ao vivo o protagonista:

Rua! Já disse que saias,
Põe-te fóra! Saes, ou não,
Infame espia de saias
Com teus olhos de furã?

Copiou Molière esta entrada tão natural e dramática.

E' simplissimo o plano da peça. Descobrirá Euclião um thesouro (marmitta cheia de ouro), que desveladamente esconde. Um de seus visinhos, velho rico, mas liberal, pede-lhe a filha em casamento. Suppõe Euclião que esse velho aventara o segredo do achado e é naquelle pedido levado pela cobiza. Concede, no entanto, a mão da filha, mas sem dote. Megadoro (o noivo), encarregando-se das despesas do brodio nupcial, manda à casa do avaro alguns cozinheiros, que são logo suspeitados de ladrões pelo futuro sogro do velho liberal. Euclião tira de casa o thesouro e vae escondel-o no templo da Boa Fé. Um escravo de Lyconide, que violára nas *Cereas* (festas em honra de Ceres) a filha de Euclião, rouba a este a marmitta e a leva a seu senhor. Sabendo Megadoro da violação, feita pelo sobrinho à moça, com quem pretendia casar, pede-a para o mesmo fim ao mesmo sobrinho, que repara a sua falta. E' o thesouro restituído ao avarento.

Concentrou Plauto num quadro todos os pormenores dos costumes da quadra. Ha principalmente no terceiro acto uma excellentissima epigrammatica, em relação ao luxo feminino. Escrevia o autor no tempo, em que Catão promulgára a Lei Oppia, condemnando os vestidos bordados, as joias e as carruagens. Imitou Molière as scenas principaes e todas as grandes feições caracteristicas da Plauto, compondo o *Avarento*, uma das mais notaveis produções do humano ingenho. Marmontel, Lemercier o Duval escreveram admiraveis observações a respeito do modelo e da maravilhosa imitação de Molière. Fez Calhava magnifico paralelo das duas obras, reconhecendo, como outros escriptores, a immensa superioridade de Molière, sem deixar de fazer justiça a Plauto.

La Harpe, desdenhando do escriptor latino, escreveu com tanta leveza, que lhe attribue parte do quinto acto, escripto por um grammatico de Bolonha, de cujo trabalho se aproveitára Molière, adoptando-lhe o expressivo nome — Harpagão.

Schlegel, que não pôde ser acoiado de irreflectido, exalta, em prejuizo de Molière, a produção de Plauto. Qualifica elle o *Avarento* « farça complicada, tediosa, inverosimil », pretendendo que o amor é incompativel com a avareza. De sua critica só nos parece fundado o seguinte ponto: Em Molière, o avaro, depois de haver escondido o thesouro, não torna a falar delle, facto que causa admiração ao expectador. Em Plauto, o thesouro está presente ao espirito do avaro, e as precauções, tomadas para preserval-o, são, exactamente a causa do roubo delle. Neste lance de genio e de profunda moralidade excede Plauto a seu imitador.

A *Aulularia* é das peças de Plauto a que se conservou por mais tempo no repertorio da idade media. Della fez uma especie de parodia o autor do *Querulus* (Chorão). Vital de Blois, poeta latino do seculo XII, poz em versos latinos esta imitação curiosa, especie de melodrama de estylo obscuro e, muitas vezes, barbaro.

Nos theatros estrangeiros ha numerosas imitações da *Aulularia*. A *Sporta*, do Florentino Gelli, attribuida a Machiavel; o *Avaro* (The Miser), de Fielding, que ensaiou aperfeiçoar o desenlace de Molière, o *Goldingham*, do Shadwell, em cujo prefacio declara o auctor que faz muita honra a Molière copiando-o, não por esterilidade, mas por preguiça, e que não conhece uma só comedia franceza, que não se haja tornado melhor em mãos do peor poeta inglez.

Ha tambem o *Avaro ciumento*, o *Avaro faustoso*, de Goldoni, o *Honrado aventureiro*, de Ottavio, etc. No theatro chinez representou-se tambem um *Avaro*, especie de burleta, entremeiada de coplas, que termina por este trecho, digno de Molière:

« Meu filho, avisinha-se a minha hora extrema; quando eu morrer, não te esqueça cobrar do veudador de favas o meio tostão, que elle me deve. »

A reprodução e o bom exito desse character no theatro são naturaes. A avareza é vicio de todos os tempos e de todos os povos, e um daquelles cuja pintura deve impressionar todos os olhos e espiritos. Quando Londres abriu um grande theatro aos primores dramaticos de Molière, a comedia, que mais effeito produziu e mais angariou a publica admiração, foi, não o *Tartufo* ou o *Misanthrope*, representados por Mlle. Mars, e sim o *Avarento*.

(Extracto do juizo sobre o *Avaro*, escripto no *Theatro completo dos Latinos*, de Mr. Nisard.)

PERSONAGENS

- O Deus do lar (Prologo).
- Euclião (velho avarento).
- Staphyla (velha escrava de Euclião).
- Eunomia (irmã de Megadoro e mãe de Lyconide).
- Megadoro (velho opulento e liberal).
- Lyconide (sobrinho de Megadoro e filho de Eunomia).
- Phedra (filha de Euclião).
- Strobilo (escravo de Megadoro).
- Strobilo (escravo de Lyconide).
- Anthrax (cosinheiros).
- Congrião (cosinheiros).
- Pyhodico (intendente dos escravos de Megadoro).

ARGUMENTO

Euclião, velho avaro, que em si proprio Confiança bem pouca deposita, Cavando em certo dia o chão de casa, Cheia de ouro encontrou grande marmitta.

Abriundo, ás pressas, mais profunda cova, De novo a sotterrou, e dentro em pouco, Velando-a de continuo, angustias curte, Que o põe em sobresalto e quasi louco.

Lyconide roubára a castidade D'uma donzella, filha do avarento; Megadoro que a irmã quer ver casado, Pede a amante do moço em casamento.

Consente a custo o suspeito velho; Tem pelo thesouro; e a fim que illula Os suppostos ladrões— por duas vezes, Do caseiro escondrijo o sitio muda.

Descobre o arrano um servo do mancebo, Que da moça offendêra o casto pejo; Pede este ao tio que lhe ceda a noiva E Megadoro accede ao seu desejo.

Torna Euclião a achar o seu thesouro Pela mão do mancebo, e jubiloso Desse achado feliz, deixa que a filha A Lyconide tome por esposo.

ARGUMENTO ACROSTICO

(attribuido a Presciano, o grammatico)

Vcha Euclião marmitta cheia de ouro;
Mas, guardado-a, consome-se em tortura.
Vcha filha de Euclião, por vil surpresa,
Vcha a joven Lyconide a candura,
Megadoro sem dote acceita a Phedra;
Inquieto Euclião vendo a marmitta
Luzida por Lyconide-lhe entrega
Vcha filha, o ouro e a neta prequenta.

(Continúa)

PHILOLOGIA

A LEI DA INTERCORRENCIA

Conhece-se em pathologia o phenomeno da *intercorrença*: a febre intermittente no sarampão; a variola na febre typhoide etc., que faz a molestia primitiva tomar outra fôrma, ou differente curso. O mesmo se dá na linguaagem. Os vocabulos alteram-se, na fôrma e na significação, por se meter de permeio idéa que não exprimiam antes. As corrupções que d'ahi resultam são quasi sempre eruditas; poucas vezes, populares. Os litteratos, ignorando a etymologia ou a verdadeira significação da palavra, imaginam que ella deve ser segundo a idéa que suppõem representar, e dão-lhe a fôrma congruente.

São tão numerosos os exemplos que pôde-se formular a *lei da intercorrença* como a unica explicativa de corrupções lexicographicas, que não obedecem ás leis da transmutação das letras e outras conhecidas na philologia.

Para exemplificar, citaremos apenas uma ou outra palavra.

Catapora ouve-se da bocca e lê-se nos escriptos dos medicos brasileiros; e já é popular nas grandes cidades. E' o termo *brazil catapora*, pelo qual tupis e guaranis designavam toda a molestia caracterizada por febre, rubor, erupção cutanea, como o sarampão a variola, a varicella, a escarlatina, a roseola etc. Compõe-se de *catá* fogo e *por* que tem. Não é corrupção popular, porque o povo do littoral e do interior ainda diz *catapora*. E' corrupção erudita, devida á intercorrença da preposição grega *κατά*, que apparece em *catalepsia*, *catarrhal*, *catarrho*, *cataracta*, *cataplasma* e outras da technologia medica.

Nos nomes de logares, é raro que não se anteponha um *i*, principalmente si começam pela syllaba *ta*. Nos escriptos e nos mappaes antigos sempre se escrevem *Carahy*, rio que desagua na bahia de S. Domingos, em Niteroy. E' o rio do peixe *acarú* ou *carú* (compare-se *Piumky* rio do mosquito *pium*; *Pirahy* rio do peixe; *Jocuhy*, rio do jacú; *Tatuhy*, *Corumbatáhy*, *Sapucahy*, *Itahy*, *Suruhy* etc., etc.). Escreve-se e diz-se, entretanto, *Icarahy*.

Auguste de St. Hilaire já havia feito essa observação. E' intercorrença do *Brazil* a agua, rio, que os eruditos imaginam alli; ou habito de antepôr o *i* nos vocabulos brazis que começam por *ta*, nos que elles cuidam estar a palavra *ta* pedra.

Tapemirim, *Tabapoana*, *Tapacorú* escreviam os nossos historiadores, geographos e visitantes dos seculos XVI, XVII e XVIII dit-o ainda o povo. Hoje dizem os eruditos *Itapemirim*, *Itapapoana*, *Itapacorú*.

Tocaya é palavra brazil, que significa atalaia, mirante, miradouro, mangru-

lho. O povo ainda diz *Tocaya*; os eruditos escrevem *Itocaya*, imaginando que alli está em composição *itá*, porque a *Tocaya* é uma pedra. E note-se que *itá* no pé della está o morro conhecido por *morro da Atalaia*.

São phenomenos de *intercorrença*, e corrupções litterarias, não populares.

Não comportam as paginas desta folha maior desenvolvimento. Em um *Diccionario Brasileiro da Lingua Portuguesa*, que talvez breve daremos á estampa, verão os leitores muitissimos exemplos e desviação da fôrma ou do sentido primitivo de uma palavra por *intercorrença* de outra palavra ou idéa diversa.

A. J. DE MACEDO SOARES.

A ETERNA LAGRIMA

A magua donde vem? De que pura agua Deriva a tua lagrima dourada,
De que oceano a perola encantada A' tona sobra? Donde vem a magua?

— «Uma lagrima eterna, disse. Trago-a Deriva a tua lagrima dourada; Secam todas, mas esta congelada Fica em caminho por estranha magua.

Todas as tem, mas eu, uma sómente. (E accrescentou depois de breve pausa.) Sonho-o a dormir, quando acordado afago-a »

E não mais perguntel. Pois, certamente Sendo ella flor, espanto não me causa Que nella exista aquella gota d'agua.

NEREU.

A mulher e a sociogenia

(CAPITULO DE UMA OBRA INEDITA)

Grâce à l'influence ennobliante de la sélection naturelle, l'organe qui se perfectionne plus que tout autre chez l'homme, c'est le cerveau. ... Nous avons donc le droit d'espérer qu'en dépit des forces rétrogrades nous verrons, sous l'influence biené de la sélection naturelle, se réaliser tous jours de plus en plus les progrès de l'humanité vers la liberté et par conséquent vers le plus grand perfectionnement possible.

HAECKEL.

Uma vez posto fóra de duvida o poder evolutivo da mentalidade feminina, apresenta-se á discussão um novo problema, que é a utilidade de uma tal evolução.

Ha dois modos de encarar essa utilidade, em relação ao homem e em relação á mulher. Sob o primeiro ponto de vista não ha logicamente duas idéas, a utilidade é incontra-versa. Só um protesto existe, é o do homem; mas o motivo occulto que o dirige é o mesmo a que se deve attribuir o *gynethesmo*.

Essa falsa abnegação tem raizes em uma apreciação erronea. O homem «defende» a mulher contra a evolução mental, porque em seu proprio espirito está implantada a convicção de que o estado actual é para elle homem o mais conveniente.

Não accusamos o homem pela falta de sinceridade, é um hypocrisia inconsciente a que o domina enquanto elle não emprehe a minuciosa analyse de seus sentimentos. A inutilidade da educação da mulher é a falsa razão com que o homem procura satisfazer a intelligencia para explicar um sentimento secularmente hereditario, o sentimento da superioridade, da autoridade. E' inutil perder tempo com a refutação do «desinteresse masculino»: sabemos que sob essa forma occulta-se o mais genuino interesse, dirijamos, pois, contra elle nossos argumentos, passando ao segundo ponto de vista da utilidade da evolução feminina.

Ha interesse para o homem em que augmente a evolução feminina? As objecções até hoje trazidas á luz resumem-se nisto: «A educação da mulher vem dissolver a familia e provocar o desmoronamento da sociedade, que é uma familia, em ponto maior. As qualidades inherentes ao sexo feminino dizem bem claro que seu papel é na familia e não na sociedade, na propagação da especie e não no desenvolvimento social.»

Esses dois argumentos reduzem-se facilmente a um unico, que tem a vantagem de, pela clareza de seu enunciado, mostrar o valor que merece:—a mulher só deve ser a propagadora da especie— I (a) A educação (compreenda-se sempre no sentido mais lato) da mulher vem dissolver a familia e (b) dissolvendo a familia provoca o desmoronamento da sociedade. A primeira parte pôde ser refutada por uma unica palavra, E' uma afirmação *à priori*. Em uma questão de biologia, quejoga com a observação, a experimentação, a indução, um principio estabelecido *à priori* e só *à priori*, não merece attenção. Concedamos-lhe por favor o que elle não pôde ter por direito, e analysemos.

Si a educação da mulher dissolve a familia é que uma das condições dessa instituição é a ignorancia da mulher. Uma instituição, um contracto só possível enquanto um dos contractantes é ignorante, é necessariamente um contracto baseado na exploração de um associado pelo outro. Um contracto, nessas condições, não representa união de formas para conquista em commun de um bem fóra do alcance de qualquer dos socios em particular, representa a conquista dos trabalhos de um pelo outro; não produz economicamente utilidades novas, mas sim a concentração das utilidades já existentes nas mãos de um unico individuo.

Si a familia deve ser isso, e deve ser isso desde que basea-se na ignorancia, não merece respeito nem consideração de pessoa alguma.

Economicamente tem os efeitos da escravidão, moralmente tem ainda o valor e efeito da escravidão. Como a escravidão avilta e inutiliza o escravo, deteriora e corrompe o senhor, como os homens sob tal influencia, senhores e escravos, são nocivos á sociedade, devemos aconselhar ao homem e á mulher, ao senhor e ao escravo, a extinção desse estado corruptor, immoral, prejudicial physica moral e economicamente. Por ser a escravidão a exploração do fraco pelo forte—uma das primeiras e portanto das mais atrozadas instituições sociaes, por ser tendencia evolutiva a substituição do escravo pela machina, dos milhões de braços, que esgueram as pyramides pharaonicas pelo cavallo e por, que perfura o istmo de Suez, do corpo que pensa

com o cerebro alheio pelo corpo que só reconhece como seu o cerebro physiologicamente e geneticamente seu, devemos condemnar como perniciosas, barbara, selvagem a instituição anachronica que pretende continuar ao lado da civilização, ella fundamentalmente assente sobre o que a civilização presuppõe extinto.

Em poucas palavras:—Si a educação, o fermento da evolução cerebral feminina vem dissolver a familia, chegamos por absurdo á conclusão de que o primeiro cuidado de um povo, ao civilizar-se, é extinguir a familia;—educar a mulher. Ou a evolução cerebral da mulher não dissolve a familia, e deve ser apressada pois vantagens ha nisso sem haver perdas sociaes, ou essa evolução dissolva a familia e entre os motivos que recomendam a evolução deve incluir-se mais esse.

Mas a objecção discutida em que se funda? Na historia? Não. Na biologia? Também não. A biologia nunca se pôde achar em contradicção com a historia. O mais rapido estudo da sociogenia mostra-nos um quadro em nada favoravel áquella afirmação suspeita.

No periodo mais remoto a que attinge a sciencia ethnologica não ha familia, ha relações sexuaes, o que não é o mesmo. A mulher é então uma propriedade, um utensilio vivo, na mais rigorosa accepção; pertence a todos e não pertence a ninguém; a tribu pôde dar-lhe um destino qualquer, o individuo nada lhe pôde fazer. Mais tarde é a propriedade viva de um unico e esse pôde empresta-la, vendel-a, destrui-la, não só a ella como a tudo quanto della se origina—os filhos. E' a noção da propriedade que se inicia ao lado da primeira concepção da individualidade. Muito mais tarde, finalmente, com a civilização greco-romana a mulher é moralmente, mas já então só moralmente, a propriedade do homem. No acto do casamento ella compra o direito a viver na casa do marido, a proteger-se com os seus deuses, a ter autoridade e direito sobre seus filhos. Falta muito ainda para nma igualdade, mas é a primeira vez que ella se manifesta na imperfeição primitiva; a lei reconhece e protege esse contracto bilateral e a mãe de familia deixa de ser, como ainda hoje o é na interpretação philologica, — escrava — mãe de escravo.

Pela primeira vez apparece a « familia », paes e filhos prendem-se por laços que não são mais os da propriedade.

As relações sexuaes baseam-se portanto primitivamente no direito de propriedade, depois no contracto bilateral do matrimonio. Esta ultima fase conetitia a familia, perdida a noção etymologica que dá ainda um irrefutavel testemunho da vida social no limiar da existencia humana, como os fosses retidos pela estratificação das camadas de sedimento dão-nos uma pagina eloquentemente descriptiva dos primeiros seculos da vida em nosso planeta.

Si por extensão dermos o nome de familia aos estadios anteriores a esse em que ha a *personificação da mulher* que era antes um utensilio, si cometermos esse erro de empregar um vocabulo unico para idéas oppostas, ainda assim a historia nos demonstrará que a familia vae evoluindo com a evolução da especie, isto é, a do homem e a da mulher, embora esta muito mais lenta.

Si, mais logicamente, denominarmos familia a phase de reciprocidade no direito e no dever, que se inicia com o «confarreato», a historia das instituições humanas demonstrará que a familia só appareceu quando, por um lado a mentalidade masculina, graças ao caracter menos sangrento da lucta pela existencia, tornou-se capa de costumes relativamente brandos, quando, por outro lado e concomitantemente, a mentalidade feminina elevou-se á dignidade da revolta e exigiu a criação de direitos até então não existentes. Em synthese: *A familia foi um dos efeitos, em um dado periodo historico, da evolução da mentalidade masculina e feminina.* A sua essencia foi sempre a relação sexual, a sua primeira forma foi estogada no direito de propriedade: *famulus-famulus*, e mais tarde claramente definida no contracto, na associação: *Ubi tu Caius, ibi ego Caia.*

Vejamos por outro methodo o valor da objecção discutida.

Que é o matrimonio? Um contracto bilateral visando o interesse biologico de um typo.

Como garantia inilludível d'essa necessidade especifica existe o sentimento extraordinariamente complexo tã o scientificamente definido por Haeckel, a *affinidade electiva de duas cellulas differentes*, tão paradoxalmente definido por Chamfort. E' isso o matrimonio.

A familia, é o grupamento de individuos solidarios pela *sympathia propria* aos seres da mesma origem. E' a *sympathia dos similhantes*. E', finalmente, o amor pelo «eu», porque a familia representa o «eu» multiplicado, desdobrado nos descendentes, a personalidade continua no tempo descontinua no espaço.

Pede a logica, e a observação o assevera, que, quanto mais os contractantes forem instruidos, sendo ali a instrução correspondente á systematização de idéas e sentimentos, quanto mais conscientes do seu papel e mais convencidos de sua missão e responsabilidade de seus erros, tanto mais fielmente sejam executadas as condições accetadas e mais preciso o enunciado dessas condições. Por outras palavras: quanto mais adiantados em evolução mental o homem e a mulher, mais escrupulosos na escolha, mais exigentes nas condições, mais fieis na execução.

Diz-se-ha que isso está muito longe de ser commun. E' exacto. Não procuramos enganar-nos, creando utopias, procuramos o melhor futuro; mas dentro sempre do que é scientificamente possível. Qual é no presente o maior obstaculo relativamente ao homem? O estado de elaboração moral de nossa era. Muitos já estão nas condições da lei, para a maioria, porém, o presente é outro. Si o elemento intellectual, si a educação mesmo, actuam de modo tal que seja no sentido por nós descripto a resultante de seus efeitos conjugados, por sua vez as necessidades imperiosas da vida mal comprehendida, a hereditariedade apenas superficialmente modificada, a selecção sexual duplamente illudida, quer na escolha das aptidões musculares, quer na das aptidões cerebraes, esse cahos da sociedade antiga, que se derroca aos pedaços, enquanto alguns espiritos superiores olham para o que se deve erguer no futuro, essa moral, enfim, a que obedecemos, convencidos entretanto da necessidade de sua reforma, tudo isso irregulariza, confunde, anarchisa as acções.

Por parte da mulher quem ousa garantir que nesta ou naquella camada social existe a noção, já não diremos exacta, mas tão eómente aproximada de sua missão?

Onde se encontra um systema de educação feminina de que não se possa dizer com Madsley «Si o fim desejado fóra augmentar a sensibilidade emocional e enfraquecer a razão, seria difficil aproximar-se mais desse fim?» Onde a educação feminina baseada na sciencia—«o conhecimento de maior valor»na opinião insuspeita de Spencer, que não respeita utopias? Si o contracto ainda não é fielmente executado, é que faltam dois elementos indispensaveis: a *liberdade dos contractantes e a responsabilidade effectiva* ou o conhecimento de sua missão. A nossa affirmação está portanto ainda com os factos, em relação ao matrimonio.

Quanto ao que se refere á familia, á *sympathia* dos similhantes, basta lembrar a marcha crescente do sentimento outr'ora limitado á tribu.

O homem começou reconhecendo como seus similhantes unicamente os de sua tribu. Ainda ha o que por analogia com certos phenomenos morphologicos se pôde chamar «instituição rudimentar ou de transição.» As familias aristocraticas com o circulo estreito de suas affeições, as associações extralegais como a *Camorra*, são ainda um vestigio desse estado mental em que o homem só admite como seus similhantes um pequeno grupo de individuos, sendo permittido e perfeitamente moral tãdo quanto se pratica em relação aos estranhos. Depois desse bairrismo, desse nativismo inconsciente, é que vieram o espirito de nacionalidade, o patriotismo e a familia. Hoje o homem inclina-se a maior amplificação. Observando melhor, elle reconhece seus similhantes em todos os homens de uma civilização mais ou menos proxima. Já não é o que foi, por mais que se repitam as denegações suapeitas de Quatrefages. Acima ainda, os espiritos mais elevados, substituindo a similhaça ou analogia pela homologia, veem o mesmo «eu», o mesmo ser desdobrando-se em toda a humanidade, em toda a vida.

Quando o desenvolvimento da mentalidade augmentando o campo visual faz apparecer o «eu», de vez em vez maior, faz mais extensa, si não mais intensa, a *sympathia* dos similhantes, tornando-a *sympathia* dos homologos, a evolução produzida pela educação da mulher não pôde produzir um effeito diametralmente opposto.

Si a evolução mental substitue o «eu» pelo «nós», a consciencia pessoal pela consciencia humana; si o inconsciente, em cujo fundo agitam-se os motivos de nossas acções tende de maie a mais a vibrar em um mesmo rythmo em grupos humanos sucessivamente mais numerosos; si essa complexidade crescente dos organismos acompanha-se de um tal augmento na energia das affeições humanas que já não satisfaz a *sympathia* dos que se assemelham e ainda é necessaria a *sympathia* de todos, quantos eob a mascara das adaptações e differenciações provém de um mesmo nucleo remotissimo, é evidente, a evolução cerebral da mulher nunca poderá ser causa da dissolução da familia — a *sympathia* dos similhantes.

A NOITE NA TAVERNA

FRAGMENTO

PARAPHRASE DE ALVARES DE AZEVEDO

Ao amigo J. de Lima e Silva

— Silencio, moços. O vapor dos vinhos
vela a frente das pallidas mulheres...

— Bebamos, pois! Banhemos de prazeres
nossa frente sedenta de carinhos!...
Eia! que luz melhor que a que se cõa
nas reluzentes taças, quando vòo
bando de nuvens negras nos espaços,
como bando de corvos agoureiros,
quando a lua nos cõlicos roteiros
tropeça macilenta nos seus passos?...

— Louco! não é a lua que desliza
do céu na face azul, concava e lisa...
é o relampago frio que perpassa,
como um riso de escarneo, de ironia,
enquanto a Peste livida, sombria
deixa rolar a noite da desgraça...

— E que te importa a dôr? a peste? a guerra?
Abre as azas subindo alem da terra
a alma dos vinhos nos subtis vapores...

— Vinho! vinho! mulher! Deixa de sonhos
encher os dias túrbidos, tristonhos!...
Deixa rolar-me em sensuaes amores!...

— Da fumaça ondulante do charuto
nas finas espiraes osqueço o luto,
as miserias da terra e, em santa calma,
scismo nas fortes explosões da vida,
scismo que n'outra esphera encandecida
ha de, constante, perdurar noss'alma.

— Bravo!— Gritou a turba dos rapazes.

Entre os convivas êbrios e loquazes
uma frente, porem, branca e formosa
emmoldurada nos anneis dos soltos
cabellos louros, a tremar, revòlto,
surgiu por entre a grita rumorosa.

— A alma?— disse elle rindo— pobres loucos!
Pois não sentis que nossa vida aos poucos
no silencio dos túmulos sombrios
desfaz-se em podridão, em terra, em nada
e não resta d'ess'alma consagrada
nem vestigios siquer! nem restos frios!?
O que era corpo de mulher divina
põde mudar-se em névoa matutina,
ou miasma de peste corruptora!
O que era verme negro do sepulchro
põde ser amarrã calice pulchro
de lyrio branco ou rosa seductora!
Que somos nós? Moleculas unidas
ao sopro dos Acasos que, perdidas,
hão de volver ao seio da Materia,
passar e repassar no gigantesco
mar temeroso, túrbido, dantesco,
que banha a larga solidão etherea!
A alma de que fallais, a essencia pura
é sonho de momentos de loucura.

— Cala-te! Estranha e má philosophia
essa que as crenças todas nos arranca!
Na barca da illusão a vela branca
desfraidemos nas vagas da Poesia!

— De que serve sonhar? As minhas horas
enchi tambem de crenças e de auroras:
gril no amor... no porvir... na castidade...
Tive para velar-me á cabeceira
doce visão celeste e feiticeira
banhada de fulgente claridade...
Era tudo mentira... O verdadeiro
gozo da vida, triumphal, certo
é a lascivia das noites das orgias...
quando a febre dos gozos, doida, estã,
apertar a mulher tremula e nua
ao som das notas das canções sombrias.

— Blasphemias... No teu negro sentimento
riscaste Deus tambem do pensamento?

— Deus?! Crér em Deus?!... A's horas da tormenta,
aos rugidos do medo, quando o frio
da desgraça nos volve no sombrio
cendal de morte a frente macilenta;
quando sentimos ao pisar em falso
noeso pé tropeçar no cadafalso,
Deus... Deus então das sombras do receio
surge como uo: lampejo de esperança,
como o pharol sublime da bonança,
do nosso peito no dorido aneio.
Ah! mas a crença louca de que falas
tem mesclada nas gemuas e nas galas
florões sinistros gottejando pranto
dos povos sobre a vida transitoria;
pesa, como um abutre, sobre a Historia,
lançando o luto, a maldição, o espanto!

— E o livro sacro?

— Obra de bardo incerto,
illude como as sombras no deserto.

— Estás doido, amigo. A noite do atheismo
projecta em nossa frente a escuridade...
Ha, porém, uma luz na realidade,
sigamol-a, deixemos esse abysmo
onde a Descrença e a Crença — dos combates
pelejam nos acérrimos embates
das vans philosophias... Nós, no estudo
que descorramos, lendo, nossas frentes,
corremos do saber os horizontes
vimos que era miseria e engano tudo.
Frazier! Prazer! só tu nos não illudes!
O que valem Saber? Crenças? Virtudes?
quando o gozo não corre em nossas veiae?

— Bebamos, pois. Saudemos a grandeza
d'essa deusa gigante, a Natureza,
deusa de cujas tétas sempre cheias
rola o nectar das ancias e dos gozos,
deusa que se revela nos gostosos
calices finos de espumante vinho!

— Viva!

Nos ares estrugiram brados.
Pousaram-se na mesa esvasiados
os copos entre o doido borborinho.

— Agora, amigos, no livôr da noite,
quando do vento, fôra, zune o agoite,
quando o vinho noe cerebros referve,
enquanto longamente repousamos
nossos braços na meza que manchamos
do vinho, que espumante, corre e ferve;
agora, amigos, ao clarão que espraiaem
as iampadas exhaustas que desmaiam
vamos ouvir as tétricas historiae,
onde o eangue poreje gotta a gotta,
como de veia, sem alento, róta...
Phantasticas tragedias illusorias...

— Quereis contos cruéis? disse nm erguendo
a frente cheia do clarão horrendo
de um riso lutulento de ironias...
Quereis contos de dôr? contos que falem
de episodios fataes que vos embalem
das ancias do terror nas vagas frias?
Ouvi-me: eu sinto a sombra do Passado
projectar-me um clarão ensanguentado...

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

« Si estivessemos bem persuadidos de que os nossos
bens e os nossos males dependem unicamente de nós,
não nos restaria nenhum direito de queixarmos dos
deuses, nem de aborreçermos os homens.»

MARCO AURELIO.

Não sei porque tentaste, alma severa e pura,
No vasto coração as dôres recolher,
Pois que através do tempo a tua desventura!
Ainda hoje nos faz o seio estreanecer!

Hontem, hoje, amanhã — embora essa candura
Com que affectas da vida a magua não soffrer!—
Hontem, hoje, amanhã uma crença perdna:
Tnas dôres, gemeste, illacrymavel ser!

Se a tua rigidez, a um tempo adanantina
E erea, fez com que ao céu jámaie levantasses
Os olhos, invocando a protecção divina,

Esse gemido que acaso, a sós soltasses
Em meio a solidão, a Historia nos ensina
Que alguem o percebeu antes que o euffocasses!

CARLOS FALCÃO.

POETAS MINEIROS

I

SANTA RITA DURÃO

Ainda no meado do século XVIII, quando a litteratura portugueza era patrimonio de Portugal e Brazil, já a provincia de Minas Geraes tinha representantes illustres na republica das letras. Um delles era frei José de Santa Rita Durão, autor do *Caramurú* e o primeiro desta modesta galeria.

Como poeta epico foi o iniciador em Portugal de uma nova escola que esboçou de vez os denso da fabula, tão em moda para os entrecchos romanescos e que tanto serviram a Camões nos *Lusiadas*, a Vasco Mouzinho de Quevedo no *Afonso Africano*, a Gabriel Pereira de Castro no *Ulyssés*, a frei Salignac de La Motte Fénelon nas *Aventuras de Telemaco*.

Intruduzindo a côr local, a essencia brasileira no seu immortal poema. Durão firmou desde logo o genero nacional, que alguns autores negam em absoluto, mas que existe porque ali temos *Caramurú*, o *Y Juca-Pirama*, de Antonio Gonçalves Dias, o *Uruguay*, de José Basilio da Gama, *Iracema*, de José Martiniano de Alencar, e todas as obras de Bernardo Guimarães.

Nascido em 1720, no arraial do Infecionado, a quatro leguas de Mariana, na provincia de Minas, frei José de Santa Rita Durão professou na regra de Santo Agostinho o 12 de Outubro de 1738, doutorou-se em theologia pela Universidade de Coimbra a 21 de Dezembro de 1756, e falleceu em Lisboa, no collegio agustiniano, a 24 de Janeiro de 1784.

« Pouco depois de sua formatura achava-se conventual em Leiria, em cuja sé pregou em 1758 um magnifico sermão em acção de graças por haver El-rei D. José escapado com vida dos tiros contra elle disparados a 13 de Setembro do mesmo anno » (1)

Deixando o reino, percorreu a Italia e a Hespanha, em cujas viagens gastou cerca de dezoito annos. Cre-se que sua sahida, sinão expatriação de Portugal, fóra originada do seguinte caso narrado pelo visconde de Porto Seguro :

« Um anno depois (1758), sendo decretada a expulsão dos jesuitas, o bispo de Leiria, celebre mais tarde com o titulo de cardeal da Cunha, aproveitou-se da occasião para augmentar seu valimento com Pombal, publicando uma pastoral fulminante contra os mesmos jesuitas. E, ou porque a dita pastoral continha proposições injustas, ou porque pela propria fórma se prestava á satyra, é certo que Durão sahio a campo pulverizando-a, a ponto de se comprometter e vêr-se obrigado, a fim de livrar-se das iras do prelado, a evadir-se para a Hespanha. » (2)

A sua passagem da Hespanha para a Italia foi ainda motivada por uma perseguição talvez do caiporismo. Lebentando a guerra do pacto de familia, foi o poeta preso como suspeito de ser algum espião dissimulado na batina; e sendo solto, após a assignatura de paz celebrada a 10 de Fevereiro de 1763, em Paris, passou-se então para o paiz predilecto das artes de onde regressou a Portugal.

(1) SOTERO DOS REIS, *Litteratura*, tom. IV, pag. 172.

(2) F. A. VARNHAGEM, *Florilegio da Poesia Brasileira*.

Abrindo-se em Outubro de 1777, depois da morte de D. José I e da cessação do poder pombalino, o curso lectivo da Universidade de Coimbra, frei Durão pronouciou em latini uma magnifica oração. Tornado a Portugal, ahi concluiu o seu poema, dando-o a publico em 1781, na cidade de Lisboa.

O poema de Durão foi recebido, consoante a opinião do visconde de Porto Seguro, com tal ou qual frialdade em us letras portuguezas de então. Aqui damos, porém, uma opinião de todo o ponto autorizada : « Muito hnvia que a tuba epica estava entre aós silenciosa, quando frei José Durão a embocou para cantar as romanescas aventuras de *Caramurú*. O assumpto não era verdadeiramente heroico, mas abundava em riquissimos e variados quadros, era vastissimo campo sobretudo para a poesia descriptiva. O autor atinou com muitos dos tons, que deviam naturalmente combinar-se para formar a harmonia do seu canto; mas de leve o fez : só se estendeu em os meaos poeticos objectos, e dali esfriou muito do grande interesse que a novidade do assumpto, e a variedade das scenas prometia. O estylo é ninda por vezes affectado; lá surdem aqui e ali seus gongorismos; mas oido o poeta se contentou com a aatureza e com a simples expressão da verdade, ha oitavas bellissimas, aiada sublimes. » (3)

Com ser autorizada, é assás exigente esta opinião, pois Durão floresceu no seculo passado e não poderia jámais fugir á influencia do meio e da época.

José Agostinho de Macedo caracterizou a frei Durão — « homem a quem aó faltava a antiguidade para ser reputado grande. » E José Maria da Costa e Silva o dá como o « fundador da poesia brasileira, porque foi o primeiro que se descartou das preocupações europeas para compôr uma epopeia brasileira pela acção, pelos costumes, pelos sentimentos e idéas, e pelo colorido local. » Embora a divergencia dos criticos, o *Caramurú* é um poema justamente, grandiloquo. Só elle é sufficiente para a elevação da poesia nacional. exemplo tão eloquente excita por força a vontade e o goeto pelas letras patrias.

Mas quem conhece o *Caramurú*? Quem sabe delle uma estrophe sequer? Ninguém ou quasi ninguém!

Adstringindo-se fatalmente, perdidamente á leitura dos livros modernos de exportação estrangeira, a pouca gente ledora que porventura possamos enumerar em a nossa terra, atira para o canto as obras nacionaes, não as lê, não lhes dá tam pouco importancia.

No eutaato, si os brasileiros procurassem augmentar o seu cabedal litterario, outra seria a litteratura por que pelejaram Alencar, Guimarães, Gonçalves Dias, Magalhães, Durão e outros.

Concluindo esta noticia do illustre mineiro, cumpre-aos aqui consignar um fragmento do seu soberbo poema. E' um excerpto tirado a esmo, mas que justifica *in partibus* o valor intrinseco da obra. Eil-o :

« No reconavo ameno um posto houve
De troncos immortaes cercado á roda,
Triucleira natural, com que impedia
A quem quer penetral-a a entrada toda;

(3) VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

Um plano vasto no seu centro abria;
Aonde edificando á patria moda,
De troncos, vasos, ramos, vimes, cannas,
Formavam, como em quadro oito cabanas.

Qualquer dellas com mole volumosa
Corre direita em linhas paralellas;
E mais comprida aos lados, que espaçosa,
Não tem paredes ou columnas bellas;
Um angulo no cum: a faz vistosa,
E coberta de palmas amarellas
Sobre arvores se estriba, altas e boas,
De seiscentos cipós ou mil pessoas.

Qual o velho Noé na immensa barca,
Que a barbara cabana em tudo imita,
Ferozes animaes provido embarca,
Onde a turba brutal tranquilla babita;
Tal o rude Tapiuaya na grande arca,
Alli dorme, alli come e alli medita;
Alli se faz de humano e de amor mole
Alimenta a mulher, e afaga a prole. »

TANCREDO LUCAS.

QUADROS NEGROS

SCENAS DA ESCRAVIDÃO

GIUDITHA

OURO POR AMOR!...

Moça e robusta, Evelina consultou as suas forças, votou-se ao trabalho e alugou seus braços para novas fadigas.

Encontrou um tecto para abrigo; achou um pouco de pão para sustento; tinha ricos vestidos que adquiriu como ama, e pois podia atravessar esses dias de tirocinio de liberdade, e economizar de seus salarios alguma coisa para o futuro que tão incerto se lhe afigurava.

Como neste mundo de tantas peripicias se torcem as vocações! Segue-se um trilhio todo juncado de flores e vae dar-se a um caminho arreado de espinhos e por fim depara-se com um abysmo!

Prna ella tudo era novo em a nova habitação. Excedia a casa em luxo a tudo quanto ella tinha visto.

Trajava a dona as galas de uma rainha em toda a sua pompa e magnificencia.

Sedas e velludos, rendas e cambraias, vidrilhos e flores cobriam-lhe o corpo e o enfeitavam magestosamente.

Uma nuvem de perfumes a envolvia como se fosse ella a flor da meia noite do cactus grande flora que se exhala em exquisitos aromas.

Ouro, perolas, brilhantes, esmeraldas, rubins cingiam-lhe o collo, ornavam-lhe os pulsos e abrihantavam-lhe os dedos.

Os cabellos castanhos e embalsamados eram todos os dias artisticamente tocados pelas habéis mãos de adestrados artistas.

As faces coradas transpiravam a frescura da mocidade.

Os labios pareciam embebidos em nacar, e os olhos se destacavam brilhantemente por meio de circulos de carmin e naukim, se bem que se conhecesse o disfarce da arte ajudando a realçar a natureza.

Recostada aos coxins de um divan de repa azul e ouro, cobertos de finos crochets, assemelhava-se a Giuditha estrangeira a uma rainha e os hospedes representavam os vassallos que vinham

depôr a seus pés as phrases da mentira do amor.

Bem de preasa comprehendem Evelina a hediondez de toda essa pompa phantastica.

No meio de toda essa illusoria magestade, viu a rainha do luxo e da vaidade estender a mão da mendicidade a seus vassallos e a recolher como se a calçasse a luva da infamia.

Aquelle coração não palpitava nas inspirções da pureza do amor, nem dissimulavam seus labios a mentira de seus beijos.

— Africa! O Africa! exclamou a negra em seu coração, nunca a mulher rude e solvagem de teus palmares mauchou o pinho de seus amores e lembrou mercadejar as suas caricias, vender seus beijos mentindo, traficando com o pudor de sua alma!

Nunca a sua mão negra, enregelada pela fome se abriu ao *caruil* do fingimento de tão funestas consequencias. Amor e ouro!

O' terra da devassidão, esconde-me em teu seio; sepulta-me na valla asquerosa de teus cemiterios, antes que minh'alma se submerja no lodo de tanta ignominia!

Eram negras as faces de Evelina e a estrangeira Giuditha não pôde distinguir o eangue incendiando-lhe o rosto.

A miseravel Africana tinha cahido num abysmo, cujas bordas oram matizadas de relvas e flores e seu fundo continha uma lagoa de lodo de dolelterias emanações.

Protestando para logo deeviar-se delle antes que o abysmo a attrahisse conseguiu o seu desejo e mudou de casa e de ama, e repetiu por vezes essa mudança, experimentando a diversidade dos genios, não tendo por fim sinão descobrir o logar em que existia o filho — esse tremendo pesadelo de seu coração.

E os annos se passavam empregados em tão santa missão, vagando horas perdidas por longas e desconhecidas ruas, indagando de uns, inquerindo de outros e sempre—inutilmente!

Um dia em quo deixára de servir em uma casa e que se puzera a percorrer as ruas, a olhar para as casas, a informar-se de tudo quanto via, tenlo sempre por bussola a esperanza, encontrou uma pobre velha arrimada a um bordão, tão fragil como ella, esmolando de cada pessoa que encontrava, e soffrendo a indifferença de uns e a caridade de outras, para obter o pão quotidiano.

Aquelles que já soffreram privações neste valle de lagrimas são mais compassivos do que os que vivem na opulencia deste mundo, que é para elles um jardim de delicias.

Abriu-se a mão de Evelina sobre a mão da mendiga, deixando cahir uns cobres—esmola de commiserção.

O agradecimento da pobre velha caueou-lhe commoção de espanto misturada com prazer e alegria.

Para agradecer a esmola a velha mendiga alçou a cabeça e fitou-a com admiração.

— Abegail! bradou Evelina.

Era ella com effeito, a antiga escrava da fazenda, para cujos braços tinha passado seu filho e que desaparecera com elle.

Um raio de esperança luziu para o coração materno... mas depressa fechou-se numa noite terrivel da mais cruel incerteza.

Ordenára o senhor que fosse o innocente lhuçado na roda dos infelizes engeitados do amor.

A alma da velha escrava impugnára o arbitrio do senhor. *A valle dos mortos e a roda dos expostos* são vistos com horror pelos miseros escravos.

Casa da Misericórdia com ser mãe caridosa, não tem coração. Ella amamenta filhos que não são seus, dilacerando os proprios seios dando-lhes seu sangue mas a sua caridade artificial faltam os *cuidadosinhos* do amor natural, que só se encontram no seio da familia.

E noite e dia vairo o sopro da morte o viço da vida que desabrocha nas faces dos desvalidos orphãos dos risos da innocencia.

Poucos, bem poucos são — os venturosos ou desgraçados? — que chegam ao fim normal da existencia.

Abigail, a depositaria dos segredos e mysterios do seu senhor, tomou um ferro, mergulhou a ponta num succo vegetal e traçou no bracinho direito da criança uma cruz — symbolo da fé.

E o entregou á compaixão de uma mulher pobre, que ainda se debulhava em lagrimas por ter perdido o seu filhinho.

— E aonde estará elle, meu Deus, murmurou a miseravel mãe, estorcendo-se com suas dores, e aonde estará elle!

Nem mesmo Abigail o sabia; a mulher que o criou e depois desapareceu, talvez o tivesse vendido!...

Segundo a narrativa da mendiga, criou-o uma mãe adoptiva, emquanto a mãe natural, a troço de um punhado de ouro para seu senhor, alimentava com o seu sangue um filho que não era seu.

— Meu filho! exclamou ella fóra de si; e prorompeu em imprecações e blasphemias, que Deus não quiz ouvir ou, si as ouviu, as perdôou.

Respeitou Abigail a cholera do amor maternal, conservando-se silenciosa ante a desventurada mãe, até que, vendo-a mais calma, lhe disse com um não sei que de esperança e de mysterio; — Procure o velho Alufá, mas segredo, minha Evelina, que ninguém o saiba... ninguém! Segredo, muito segredo.

— Mas quem é elle? Um feiticeiro?

— Um feiticeiro? O Alufá lê no livro de Deus e responde a tudo quanto se lhe pergunta. É negro, mas sabe tanto ou mais ainda do que os brancos.

É o bordão da mendiga ergueu-se, apontando para a choupana meia escondida nas arvores da aba da montanha visinha de S. Thereza.

Oh! felizes nquelles que nunca o sopro da adversidade dispersou-lhes a familia, como o vento que sopra dispersa a fumaça das chaminés.

J. NORBERTO DE S. S.

OUVINDO A PENDULA

Nesse impassivel movimento certo
vaes me lembrando o tempo que perpassa.
Cada segundo já me põe mais perto
do meu, fim de animal! Ab, tudo passa!

Si tudo é movimento — é tudo vario!
A essencia não se esvae; muda-se a fórma.
Esse Universo, o intermino operario,
tudo dos Tempos no crisol transforma.

Deixarei de sentir, pensar, querer!...
E a terra donde vim, mãe esfaimada,
do proprio filbo a carne ha de roer!

Mas o espaço sem fim, fórma mudada,
ETERNAMENTE eu hei de porcorrer,
— que do meu peso não se perde nada!

S. Paulo.

HORACIO DE CARVALHO.

O combate de S. José do Norte

(GUERRA CIVIL DO RIO GRANDE DO SUL)

No *Diccionario historico e geographic* da provincia do Rio Grande do Sul, pelo conselheiro Domingos de Araujo e Silva, lê-se o seguinte, a respeito do ataque de S. José do Norte:

«Apos este combate (o do passo do Taquary), teve lugar a 16 de Julho de 1840 o da villa de S. José do Norte, que foi acommettida e tomada por Bento Gonçalves da Silva e David e Canabarro, á testa de 1200 homens; pouco, porém, gozaram desta victoria, porque, horas depois, foi ella retomada pelos imperiaes que, como sempre, se bateram com grande valor, tornando-se saliente o valente e impetoso Francisco de Luiz da Gama Roza, actual capitão de mar e guerra reformado, a quem, em grande parte, se deve tal triumpho.»

O Sr. conselheiro Alencar Araripe transcreve esse trecho numa nota da sua *Memoria sobre a guerra civil no Rio Grande do Sul*, o primeiro e vigoroso trabalho de reconstrução desses acontecimentos, e adverte no prologo que a delicia e lacunas do seu estudo foram devidas á falta de documentos officiaes. Não existindo documentos, força é que sejam substituidos por algum outro genero de prova.

Nos procuraremos reconstituir a historia desse acontecimento, utilizando algumas indicações consignadas nas *Memorias de Garibaldi*, bem como informações lidolignas e respeitaveis de testemunhas oculares, e apressamo-nos em ministrar esses esclarecimentos, minuciosamente, com escrupulosa exactidão, e ainda em tempo de poderem ser impugnados ou corrigidos por aquelles que presenciaram taes successos, ou que possuirem claramente a tradição dos factos.

Era questão capital para os republicanos a posse da villa de S. José do Norte. As razões que terminaram o assalto daquella praça são assim bem referidas por Garibaldi em suas *Memorias*: «O inimigo para poder fazer as suas correrias pelos campos, havia sido obrigado a desguarnecer de infantaria as suas praças fortes. Princi-

palmente S. José do Norte tinha um pequeno numero de soldados (1). Esta praça situada na margem septentrional da embocadura da Laguna dos Patos, era uma das chaves da provincia, não só commercialmente, mas politicamente; e a sua posse teria mudado completamente a nossa posição que, nessa occasião, era bem aterradora; e a sua conquista tornava-se, pois, mais que util, era necessaria. A cidade encerrava objectos de toda a qualidade indispensaveis ao vestuario dos soldados que, do nosso lado, uchavam-se no mais deploravel estado. Não só por essa razão, mas tambem por dominar o unico ponto da provincia, S. José do Norte merecia que fizemos todos os esforços para nos apoderarmos della, e ajuda porque só desse lado encontrava-se a *ataleia*, isto é, o mastro de signaes que servia para indicar aos navios a profundidade das aguas na embocadura.»

A 16 de Julho de 1840, a uma hora da madrugada, foi a cidade do Rio Grande alarmada pelo rumor de numerosos tiros de artilharia e descargas de fuzilaria, partidos da villa de S. José do Norte.

O ataque era inesperado; para realizal-o, os republicanos tiveram de fazer, segundo o testemunho de Garibaldi: «uma marcha forçada de oito dias, a 25 milhas por dia.»

O golpe era bem planejado: «preparado com admiravel sciencia e profundo segredo» diz o heróe italiano. Os republicanos não ignoravam que, durante uma noite tão borrascosa, muito difficil, sinão impossivel, seria qualquer auxilio á guarnição aggrilido.

Essa noite memoravel é assim descrita por Garibaldi: «Era uma dessas noites de inverno durante as quaes um abrigo e um bom fogo são beneficios da Providencia, e os nossos pobres soldados da liberdade, esfaimados, com as vestes despedaçadas, tollidos pelo frio

(1) Effectivamente isso era a verdade; mas deuse a circumstancia casual de achur-se abli do passagem, vinda da Laguna, a ala esquerda de um batalhão commandada pelo major Antonio Maria Gomes, o que os republicanos ignoravam.

e gelados pela chuva de uma horrivel tempestade, que nos acompanhou durante a maior parte da marcha, avançavam silenciosos contra os fortes e trincheiras guarnecidos de soldados.»

Apenas ouviram-se os tiros, immediatamente da cidade do Rio Grande aprestaram-se numerosas lanchas e escaleres, com alguns soldados, no intuito de ministrar soccorros ao ponto atacado.

Mas o tempo era horrivel; todas essas embarcações foram atiradas pela tempestade á ilha dos Marinheiros, só chogando ao lugar, quando o tempo abonançou, ao clarear o dia, depois do combate; apenas um lanchão commandado pelo capitão-tenente Gama Roza ponde aportar ao seu destino.

Vejamos agora n maneira por que esse official conseguiu realizar uma empreza em que todos os outros naufragaram.

A hora em que na referida cidade do Rio Grande ouviram-se os primeiros tiros, recolhia-se para bordo do seu navio, em um escaler, o capitão-tenente Gama Roza.

Conhecendo bem do que se tratava e vendo a imminencia do perigo, resolveu partir sem mais demora para o ponto do combate.

Ao passar pelo vapor *Agua*, que se achava ancorado, o referido commandante deparou, junto deste, com um lanchão, do nome *Torres* armado de um pequeno rodizio á prôa, com munições, desguarnecido e fundeado, do qual immediatamente tomou posse, levantando ancora e rebocando-o por moio do escaler, até a canhoneira n. 6, do seu commando, e, tão urgente se lhe figurava o caso, que, sem subir a bordo da canhoneira, ordenou o embarque no lanchão do 25 homens da guarnição com espingardas e munições.

Fez-se logo de vela, apenas com o bolso do traquete, no meio de horrivel ventania e da escuridão mais profunda, dispoendo homens ageis e possantes para esgotar a agua que a cada momento ameaçava submergir n pequena embarcação.

Em menos de meia hora de corrida vertiginosa acharam-se os expedicionarios no lugar do combate.

A situação dos legaes era das mais precarias. Não invertamos, porém, a ordem chronologica dos acontecimentos e volvamos ao conego da acção.

O ataque realizado alta noite, e no meio de uma tempestade, havia sido uma verdadeira surpresa.

As fortificações que guarneciam a villa eram construidas de madeira; constavam de tres ou quatro *fortes* feitos de taboas, de altura pouco mais elevada que a de um homem, podendo conter, quando em nito, vinte soldados cada um, e de *corrinhas*, tambem de taboas, frageis embarços, mais proprios para cercas de uma chacra do que para fortificações de uma cidade.

Assim, após curto combate, os republicanos entraram victoriosos na povoação, retirando-se os legaes para o edificio do quartel, situado á beira-mar, onde offereceram tenaz resistencia.

A respeito, porém, deste periodo da lucta, deixemos fallar Garibaldi: «A pouca distancia das muralhas, os cavallos dos chefes foram collados á guarda de nm esquadrão de cavallaria commandado pelo coronel Amaral, e todos nos preparamos para o combate. *O quem vem lá* da sentinella foi o signal do assalto e a resistencia foi pequena e de

pouca duração sobre as muralhas; apensas descarregaram-se os canhões. A' hora e meia da manhã demos o assalto, e, ás duas horas, estavam senhores das trincheiras e de tres ou quatro fortes que as guarneciam e que foram tomados á bayoneta. Possuidores das trincheiras e dos fortes, tendo entrado na cidade, parecia impossível que ella nos escapasse. Entretanto, ainda desta vez o que parecia impossível, nos estava reservado. Durante este tempo os legaes, voltando a si da surpresa, reuniram-se num bairro que se achava fortificado. Ahí os fomos atacar, mas repelliram-nos.»

As forças republicanas compunham-se de 1200 homens, commandados por Bento Gonçalves e David Canabarro; as legaes, que constavam de 599 homens sob o commando do coronel Antonio Soares de Paiva, já haviam sofrido sensíveis perdas na defesa das fortificações, e na retirada, que foi antes uma verdadeira dehandada e fuga em direcção ao quartel.

Concentrados os legaes no edificio do quartel, e os republicanos nos lagos e numa casa fronteira a esse edificio, sustentava-se de parte a parte uma lucta desesperada, que não poderia por muito tempo permanecer indecisa, impossibilitados, como se achavam os legaes, pela escassez de tropa, de guarnecer convenientemente as quatro faces do quartel.

Foi nessas circumstancias que appareceu o eocorro da cidade vizinha.

Ao aproximar-se o lanchão de uma ponte estragada, então existente nos fundos do quartel, foi deste logo percebido pelos soldados e officiaes que guarneciam o edificio do lado do mar, e que attentamente observavam o unico ponto donde lhes poderia chegar auxilio.

Penetrando o commandante do lanchão no edificio do quartel, para ahí combinar nos meios de auxiliar a guarnição, esta, reunida com o soccorro, saudou a presença do official de marinha com repetidas aclamações; o que era ao mesmo tempo, um meio de dar expansão aos sentimentos de jubilo e de significar ao inimigo a chegada opportuna de novos recursos.

DR. GAMA ROZA.

(Continúa)

A CABRA CEGA

O rosado vivo do crepusculo esmaíara já numa pallidez fria que um azul ferrête invadia, quando o André, depois de arrumado o gado, de porrete em punho e chapéu ao lado, encaminhou-se cantando para a Varzea de Baixo, onde o engenho do tio Luiz Dutra, de fofalha accessa, bulhando de alegria, fariñava para todo o anno. Ia lentamente esmorecendo.

Um gelado sopro de norte deslocava-se rijo e sibilante do pendor alcantilado da eerra. E, de vez em quando, fortes rajadas cortantes como laminas afiadas, passavam rastejantes e furiosas, arripiando as arvorea e enchendo duma zoeira lugubre a planície.

No alto, do amplo azul curvoso e esgazeado do espaço, pendia e scintillava uma prateada e deslumbradora florescencia de estrellas, que a Viactoea brandamente nevava e atravessava em faixa.

Ainda em caminho, já quasi ao chegar a encruzilhada que ia ter ao engenho, o André ouviu bem clara no ar a voz melancolica e sonora do forneador, cantando a *Bella menina*, e as frescas e tilintantes risadas dss noças dentre as quaes achesabia limpida, sympathica e doce, numa vihração crystallina, a da Francisca, a filha mais nova do tio Luiz.

E estugando passo, ancioso por chegar de uma vez, avistou logo adiante o clarão avermelhado do forno do engenho que projectava-se através da porta, largo e suavissimo, illuminando transversalmente o terreiro arenoso e hranco, onde dava grandes latidos roucos, ao sentir barulho de gente, o Fila, o velho cão de guarda da casa.

Exploeram de novo as castas risadas das raparigas, que atravessavam aos pulos, com as saias ao vento, a claridade viva da porta.

Brincava-se a *cabra cega*.

O André, assim que chegou, mal poz o pé no portal e deu hõa-noite a todos, fazendo um gesto de louge, com a mão direita aos lahios, para pedir a henção aos tios, que peneiravam num côcho massa para bijús, raspou se logo a ter com as raparigas que brejeiravam escondidas pelas hervagens, pelos cafezeiros e larangeiras proximas, emquanto uma outra, haixota e de grandes ancas carnudas, yendada nos olhos com um lenço arrocado em volta da cabeça, procurava-as por toda a parte, com um tacto incerto e desageitado de cego, estonteada, ás apalpadelas.

Então, o André, griçou que queria tamhem fazer parte da brincadeira, e disparando em seguida foi accorar-se numa das empenas do engenho, dando o signal de ticar, fazendo *ui*.

E por um descuido e uma facilitação de rapaz adestrado e manhoso foi-se deixando ficar parado, até que a rapariga casualmente o pegou pelas costas, de subito, sem elle esperar, vocalizando sonoramente: — «está tico; ti-quei.»

Todos correram então para a canzola num grande alarido de satisfação; e a Francisca Dutra, a mais galante e desembaraçada da troça, a bella namorada do André, sahiu á frente, e arrancando o lenço da cara da Joanna, amarrou-o nos olhos delle, com segurança, a grandes nós rijos atraz da cabeça.

Depois, batendo-lhe de mão espalmada nas costas, na attitude inquieta e livre de quem quer fugir, com aspecto de gazella arisca, deitou a correr com as companheiras para traz do engenho, após haver quebrado violentamente na grossa nuca do rapaz, com o seu bom halito quente e perfumoso, as velhas e tradicionaes palavras cabalisticas, que a gente sabe tão bem de cór na infancia: — «Cabra cega! Donde é que vens? — Venho da Moinho. — O que é que me trazes? — Um saquinho de farinha. — Me dá um hocadinho. — Não te dou, não.»

E ditas estas ultimas palavras, muito entrecortadas de risos, sob a pressão suave da derradeira palmada do jogo, que manda partir immediatamente os que se vão esconder, o rapaz botou-se a toda ns direcção ruidosa das saias esvoaçantes.

Atravessou-lhe então o espirito, como uma lava, uma idéa violenta de sensualidade e de amor.

E, noa fundos do engenho, tentou arrancar o lenço, mas não o conseguindo pela eegurança com que lho tinham

amarrado, avançou mais; escutou; e, enfiando-se no carroiro que ia dar á fonte, eentiu que uma mulher se agachava e ntre umas bananeiras perto, de cujas folhas vinha-lhe ao ouvido o fremito das franjas tremulantes, na rajada do vento.

E atirando-se precipitadamente, para ali, num alentado salto de gato, os braços abertos em garra, apertou violentamente contra si um corpo de mulher que encontrou, e julgando que fosse a Francisca, todo tremulo e congestionado, as mãos escaldando, a garganta secca e pigarrosa, varejado por ondas de cio brutal de sangue novo, que subiam e se alastravam do mais recondito do seu ser, incandescendo e numa allucinação, deitou-a por terra, apertando a contra si — convulso, e offegante, o pulso em febre, numa saciação phrenetica de heijos, pela nuca, pelo pescoço, pelo ceio e pela cara!

A mulher, então, desandou a berrar como uma louca, esganiçadamente, e elle estranhando-lhe a voz sibilante e desafinada de velha, saltou-lhe de cima, assuatado, nervoso, arrancando o lenço dos olhos, atrapalhadamente, num pânico, numa perturbação, arranhando a pelle do rosto trigueiro com as suas grossas mãos, duras e calosas de lavrador.

E ao reconhecer que era a mulher do Domingos Théa, o *Cara Feia*, como o chamava o povo, pelo accentuado feroz das suas feições, sempre afiveladas numa seriedade carrancuda e hostil de assassino, um bruto que só de um murro matava-o! — abandonou tudo e deitou a correr para a estrada como um cão peregruello.

VIRGILIO VARZEA.

Movimento litterario em Pernambuco

A bella provincia do Norte que tantas tradições patrioticas e litterarias tem a zelar, e na qual tão pouco se falla por aqui, não está nunca ociosa e apathica. Os que conhecem de perto sabem o que ella vale como productora de idéas e o quanto produz de vibrante e util na esphera das letras, sem *étalages* immodestas e sem *reclames* pretenciosos.

Agora mesmo chegam-nos do Recife as noticias eeguintes:

— Pardal Mallet reuniu em volume os seus contos, publicados em principios do anno na *Revista do Norte*, e deu-os á publicidade com o titulo de — *Meu Album*.

O novo livro do autor do *Hospede* é, pois, um *recueil*, ou antes, uma galeria de pequenos quadros impressionistas, feito com talento, cuja leitura agrada aos bons espiritos sequiosos de fórma rica e de intuições novas em arte. *Meu Album* foi editado pela *Livraria Fluminense*.

— Tobias Barretto, apezar da persistencia do uma molestia que, ha mais de um anno, abala-lhe o poderoso organismo, nem por isso temficado inactivo, e actualmente revê as ultimaas provas das *Questões Vigentes*, nova obra de combate em que o grande jurista e escriptor eergipno dicteu bella e valentemente muitos problemaes de Litteratura, Philosophia e Direito. As *Questões Vigentes*

serão prefaciadas por Arthur Orlando, o notavel autor da *Philocritica*.

— *Commentario Theorico e Critico do Código Criminal Brasileiro* é o titulo de uma outra obra do mesmo Tobias Barretto, e cujo 1º fasciculo está a sahir dos prélos da *Typographia Industrial*. E' editor dessa magnifica publicação, que se comporá de 3 ou 4 grossos volumes, o intelli gente livreiro Sr. André Domingues Santoe. O *Commentario* é obra destinada a um grande successo scientifico em todo o Brazil. São garantias disso o nome, justamente ce, lehré, do seu autor, e o assumpto eobre que elle versa.

— *Bibliotheca Vulgarisadora* vai ser a denominação geral de uma série de livros, que brevemente começarão a apparecer, com o intuito de traduzir e condensar os melhores e mais modernos livros de Philosophia e Sciencia.

Os volumes da *Bibliotheca Vulgarisadora* serão publicados mensalmente, devendo muitos delles ser originaes. A direcção litteraria da empresa foi confiada a Izidoro Martins Junior, o opeioso e illustrado moço que é uma gloria da geração moderna.

THEATROS E DIVERSÕES

CLUB BEETHOVEN

O programma do 116º concerto (5ª *matinée*), realizado no ultimo domingo, teve a mais completa execução.

Os artistas e amadores, que to...aram parte nessa festa familiar, desempenharam-se da tarefa com aquella galhardia e segurança com que já estão, de ha muito, acostumados os *habitués* do club.

O facto capital da *matinée*, porém, foi a estrêa da eximia pianista Mlle. Cecilia Silberberg, que exhibiu-se, de modo excepcional, no *Nocturno* e *Polonaise* de Chopin, na *Air Russe* de Liszt e na *Gavote* de Rubinstein. Não sahem o que mais admirar na estreante: si a energia e hravura com que sabe apoderar-se do instrumento, si a delicadeza e profundissimo sentimento de que se possui, interpretando a alma daquelles poetas do piano. No que diz respeito a Chopin, devemos dizel o com franqueza, não nos recordamos de haver nunca experimentado, diante de um Erard, sensações iguaes ás que nos assaltaram na ultima *matinée*. Todos sabem que Chopin foi o Musset da musica, e que nas suas valsas extraordinarias, nos seus nocturnos admiraveis, encontram-se as mesmas rupturas sentimentaes, as mesmas exhalações de alma perdida, os mesmos suspiros entrecortados, as mesmas aspirações carnaes e desesperadas, que no *Jacques Rolla* do amante dessa George Sand, que o autor da Polonaise uma vez tambem amou.

Pois hem, a execução de Mlle. Silberberg traduz, de modo singular, tudo isto que ali vae dito; e si ha um vocabulo bastante exacto para definir o seu talento, esse vocabulo não é outro sinão — *brilhante*.

DERBY-CLUB

Explicanda a grande corrida do ultimo domingo, que effectuou-se na melhor bõa ordem.

HYPPODROMO-GUANABARA

Fõi pequena a concorrência á corrida de abertura d'este excellent club realisada a 18 do corrente.

SOCIÉTÉ FRANÇAISE DE GYMNASTIQUE

Esteve magnifica a ultima festa organizada pela actual directoria.

Houve concerto, trabalhos de gymnastica e baile, que correu animadissimo até ao amanhecer.

A directoria eemerou-se em obsequiar os numerososa convidados.

Typ. d'A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado